

Possibilidades econômicas para os nossos netos (1930)*

Keynes sobre Possibilidades 1

John Maynard Keynes,

I

Nós sofremos hoje de um mau ataque de pessimismo econômico. É comum ouvir as pessoas dizerem que a época de enorme progresso econômico que caracterizou o século XIX terminou; que a melhoria rápida no padrão de vida vai reduzir sua velocidade agora - em alguma taxa, na Grã-Bretanha; que um declínio na prosperidade é mais provável que uma melhoria na década que se estende à nossa frente.

Eu acredito que esta é uma interpretação grosseiramente errônea do que está acontecendo conosco. Estamos sofrendo não do reumatismo da velhice, mas das dores do crescimento de mudanças super-rápidas, das agruras dos reajustes entre um período econômico e outro. O aumento da eficiência técnica aconteceu de modo mais rápido do que nós podemos lidar com o problema da absorção da mão-de-obra; a melhoria no padrão de vida foi um pouco rápida demais; os sistemas bancário e monetário do mundo têm impedido a taxa de juros de cair tão rapidamente quanto o equilíbrio requer. E mesmo assim, o desperdício e a confusão que resultam relacionam-se a não mais que $7\frac{1}{2}$ por cento da renda nacional; nós estamos misturando um e seis penies na libra, e temos apenas 18 s. e 6 d., quando poderíamos, se fôssemos mais sensatos, ter 1 libra inteira; não obstante, os 18s. e 6d. contam tanto quanto 1 libra teria sido cinco ou seis anos atrás. Nós nos esquecemos de que em 1929 o produto físico da indústria da Grã-Bretanha foi maior que em qualquer ano anterior, e de que o superávit líquido de nossa balança comercial disponível para investimento estrangeiro novo, depois de pagar por todas nossas importações, foi maior no último ano que o de qualquer outro país, sendo de fato 50 por cento maior que o superávit correspondente dos Estados Unidos. Ou novamente - se é para ser uma questão de comparação - supondo que nós estamos para reduzir nossos salários pela metade, repudiar quatro quintos da dívida interna, e acumular nossa riqueza suplementar em barras de ouro em vez de emprestá-la a 6 por cento ou mais, nós deveríamos nos espelhar na agora muito-invejada França. Mas seria isso uma melhoria?

A depressão mundial prevalecente, a anomalia enorme do desemprego num mundo cheio de desejos e os erros desastrosos que nós cometemos cegaram-nos ao que acontece sob a superfície da verdadeira interpretação da tendência das coisas. Porque eu prevejo que os dois erros contrários do pessimismo que agora fazem tanto barulho no mundo serão provados errados em nosso próprio tempo - o pessimismo dos revolucionários, que acham que as coisas são tão ruins que nada pode nos salvar exceto uma mudança violenta, e o pessimismo dos reacionários, que consideram o equilíbrio de nossa vida econômica e social tão precário que nós não devemos arriscar nenhum experimento.

Porém, meu propósito neste ensaio não é examinar o presente nem o futuro próximo, mas desembaraçar-me de visões curtas e bater asas para o futuro. O que podemos razoavelmente esperar venha a ser o nível de nossa vida econômica daqui a cem anos? Quais são as possibilidades econômicas para os nossos netos?

Dos tempos anteriores de que nós temos registro, digamos, de dois mil

Keynes sobre Possibilidades 2

anos antes de Cristo até o início do século XVIII, não houve nenhuma mudança muito grande no padrão de vida do homem comum que vive nos centros civilizados da Terra. Altos e baixos certamente. Visitas de pragas, escassez e guerra. Intervalos de ouro. Mas nenhuma mudança progressiva, violenta. Alguns períodos talvez 50 por cento melhores que outros, e no extremo 100 por cento melhores, nos quatro mil anos que terminaram (digamos) em 1700 d.C.

Essa taxa lenta de progresso, ou de falta de progresso, deveu-se a duas razões - à ausência notável de melhorias técnicas importantes e à falha do capital em acumular-se.

A ausência de invenções técnicas importantes entre a idade pré-histórica e os tempos comparativamente modernos é algo verdadeiramente notável. Quase tudo o que realmente conta, e que o mundo possuía no começo da idade moderna, já era conhecido do homem na alvorada da história. Linguagem, fogo, os mesmos animais domésticos que temos hoje em dia, trigo, cevada, vinho e azeitona, arado, roda, remo, vela, couro, linho e tecido, tijolos e panelas, ouro e prata, cobre, lata e chumbo - e o ferro foi acrescentado à lista antes de 1000 A.C. -, banco, Estado, matemática, astronomia e religião. Não há registro de quando começamos a possuir estas coisas.

Em alguma época antes da alvorada da história - talvez até mesmo em um dos intervalos confortáveis antes da última era do gelo - deve ter havido uma era de progresso e invenção comparável a esta em que vivemos hoje. Mas na maior parte da história registrada não houve nada do tipo.

A idade moderna se inaugurou, eu penso, com a acumulação de capital que teve início no século XVI. Eu acredito - por razões com as quais eu não devo embarçar o presente argumento - que isto foi devido inicialmente à elevação dos preços, e aos lucros a que isso levou, que foram o resultado do tesouro de ouro e prata que a Espanha trouxe do Mundo Novo para o Velho. Daquele tempo até os dias de hoje o poder da acumulação por juros compostos, que parece ter estado dormindo por muitas gerações, renasceu e renovou suas forças. E o poder dos juros compostos por mais de duzentos anos é tal que deixa estupefata a imaginação.

Deixe-me dar como ilustração disso um resumo que eu tenho desenvolvido. O valor dos investimentos estrangeiros da Grã-Bretanha hoje é estimado em cerca de 4.000.000.000 de libras. Isto nos garante uma renda à taxa de cerca $6\frac{1}{2}$ por cento. Metade disso nós trazemos para casa e desfrutamos; a outra metade, a saber, $3\frac{1}{4}$ por cento, nós deixamos para render no exterior a juros compostos. Algo deste tipo tem ocorrido por aproximadamente 250 anos.

Pois eu localizo os primórdios do investimento estrangeiro britânico no tesouro que Drake roubou da Espanha em 1580. Naquele ano ele voltou à Inglaterra trazendo com ele os prodigiosos espólios do Golden Hind. A Rainha Elizabeth foi uma acionista considerável no sindicato que financiou a expedição. Fora de sua participação ela pagou integralmente o total da dívida externa da Inglaterra, equilibrou o Orçamento e encontrou-se com cerca de 40.000 em mãos. Isto ela investiu na Companhia do Levante - que prosperou. Fora dos lucros da Companhia do Levante, foi fundada a Companhia das Índias Orientais; e os lucros desse grande empreendimento foram o fundamento do investimento estrangeiro subsequente da Inglaterra. Agora ocorre que a quantia de 40.000 libras acumulando-se em cerca de 3f por cento de juros compostos corresponde ao volume real dos investimentos estrangeiros da Inglaterra em várias datas, e de fato chegaria hoje ao total de 4.000.000.000 libras que eu já citei como sendo o que nossos investimentos estrangeiros

Keynes sobre Possibilidades 3

são agora. Assim, cada 1 libra que Drake trouxe para casa em 1580 transformou-se agora em 100.000 libras. Tal é o poder dos juros compostos!

A partir do século XVI, com um crescimento cumulativo após o XVIII, a grande era da ciência e das invenções técnicas teve início, o que desde o começo do século XIX tem estado em completo transbordamento - carvão, vapor, eletricidade, petróleo, aço, borracha, algodão, indústrias químicas, maquinaria automática e métodos de produção em massa, telegrafia sem fios, impressão, Newton, Darwin, e Einstein, e milhares de outras coisas e homens muito famosos e familiares a catalogar.

Qual é o resultado? Apesar de um enorme crescimento na população mundial, à qual tem sido necessário equipar com casas e máquinas, o padrão médio de vida na Europa e nos Estados Unidos foi elevado, eu acho, em cerca de quatro vezes. O crescimento do capital tem sido de uma escala que é mais de cem vezes o que qualquer era anterior conheceu. E de agora em diante nós não precisamos esperar um tão grande aumento na população.

Se o capital cresce, digamos, 2 por cento ao ano, o equipamento de capital do mundo terá aumentado a metade em vinte anos, e sete vezes e meia em cem anos. Pense nisso em termos de coisas materiais - casas, transporte e semelhantes.

Ao mesmo tempo melhorias técnicas em fabricação e transporte têm procedido nos últimos dez anos a uma taxa muito maior que antes em toda a história. Nos Estados Unidos a produção fabril per cápita foi 40 por cento maior em 1925 que em 1919. Na Europa nós temos sido contidos por obstáculos temporários, mas mesmo assim é seguro dizer que a eficiência técnica está aumentando por mais de um por cento ao ano de forma composta. Há evidências de que as mudanças técnicas revolucionárias, que até aqui têm afetado principalmente a indústria, podem em breve atingir a agricultura. Nós podemos estar às vésperas de melhorias na eficiência de produção de alimentos tão grandes quanto aquelas que já tomaram lugar na mineração, na manufatura e no transporte. Em bem poucos anos - em nosso próprio tempo de vida, eu creio - nós poderemos estar aptos a executar todas as operações de agricultura, mineração e manufatura com um quarto do esforço humano ao qual nós estivemos acostumados.

Neste momento, a grande rapidez destas mudanças vem nos ferindo e vem trazendo problemas difíceis para resolver. Outros países estão sofrendo relativamente por não estarem na vanguarda do progresso. Nós estamos sendo afligidos por uma doença nova em cujo nome alguns leitores podem ainda não ter ouvido falar, mas com a qual eles lidarão nos anos vindouros - a saber, o "desemprego tecnológico". Isto significa desemprego devido a nossas descobertas de meios de economizar o uso da mão-de-obra ocorrendo em ritmo maior que o passo no qual nós podemos achar novos usos para a força de trabalho.

Mas esta é só uma fase temporária de desajuste. Tudo isso significa no longo prazo que o gênero humano está resolvendo seu problema econômico. Eu prediria que o padrão de vida em progressivos países daqui a cem anos estará entre quatro e oito vezes mais alto do que o é nos dias de hoje. Não haveria nenhuma surpresa nisso, mesmo à luz de nosso conhecimento presente. Não seria tolice contemplar a possibilidade de um progresso ainda maior.

II

Suponhamos, por hipótese, que daqui a cem anos estaremos todos, em média, oito vezes melhores, no sentido econômico, do que nós estamos

Keynes sobre Possibilidades 4

hoje. Seguramente não há necessidade de se estar surpreso aqui.

Agora é verdade que as necessidades dos seres humanos podem parecer insaciáveis. Mas elas caem em duas classes - aquelas necessidades que são absolutas no sentido de que nós as sentimos

qualquer que seja a situação em que nossos semelhantes seres humanos possam estar, e aquelas que são relativas no sentido de que nós só as sentimos se a satisfação delas nos colocar acima, e nos fizerem sentir-nos acima, de nossos semelhantes. Necessidades da segunda classe, essas que satisfazem o desejo de superioridade, podem realmente ser insaciáveis; pois quanto mais alto o nível geral, mais altas ainda elas serão. Mas isto não é tão verdadeiro quanto às necessidades absolutas - um ponto pode ser logo alcançado, muito mais cedo talvez do que nós possamos perceber, quando estas necessidades são satisfeitas no sentido de que nós preferimos dedicar nossas energias adicionais a propósitos não-econômicos.

Agora para minha conclusão, que o leitor achará, eu penso, que se tornará cada vez mais assustadora à imaginação à medida que se pensa sobre isso.

Eu extraio a conclusão de que, assumindo que não haja nenhuma guerra importante e nenhum aumento importante na população, o problema econômico pode ser resolvido, ou está pelo menos à vista de solução, dentro de cem anos. Isto significa que o problema econômico não é - se olharmos para o futuro - o problema permanente da espécie humana.

Por que, o leitor pode perguntar, isto é tão surpreendente? É surpreendente porque - se, em vez de olhar para o futuro, nós olharmos para o passado - nós veremos que o problema econômico, a luta pela subsistência, sempre foi até aqui o problema primário, o mais premente da espécie humana, e não somente da espécie humana, mas de todo o reino biológico desde os primórdios da vida em suas mais primitivas formas.

Assim nós fomos expressamente desenvolvidos pela natureza - com todos os nossos impulsos e instintos mais profundos - para o propósito de resolver o problema econômico. Se o problema econômico é resolvido, o gênero humano fica privado de seu propósito tradicional.

Isto será um benefício? Se a pessoa em absoluto acredita nos reais valores da vida, o prospecto ao menos abre a possibilidade do benefício. Eu ainda penso no medo do reajustamento dos hábitos e instintos do homem ordinário, criados nele por incontáveis gerações, os quais ele pode ser solicitado a descartar dentro de alguns décadas.

Para usar a linguagem de hoje - não devemos nós esperar um generalizado "colapso nervoso"? Nós já temos alguma experiência do que eu quero dizer - colapso nervoso do tipo que já é bastante comum na Inglaterra e nos Estados Unidos entre as esposas das classes prósperas, mulheres infelizes, muitas delas, que foram privadas, por sua riqueza, de suas tarefas e ocupações tradicionais - que não podem achar isso suficientemente divertido, quando privadas do estímulo da necessidade econômica, para cozinhar, limpar e remendar, já que são muito inábeis para achar qualquer coisa mais divertida.

Para aqueles que suam para obter seu pão diário, o lazer é um desejo - pois doce - até que o adquiram.

Há o epitáfio tradicional escrito para si própria pela velha arrumadeira: -

*Não chorem por mim, amigos,
nunca por mim se lamentem,
Pois eu irei fazer nada,
sempre e para todo o sempre.*

Keynes sobre Possibilidades 5

Este era o céu dela. Como outros que esperam o lazer, ela concebeu quão agradável seria passar seu tempo a escutar o que havia em outra parelha de versos que ocorria em seu poema:-

*Com salmos e doce música
os céus estarão tocando,
Mas aí não terei nada...
nada que ver com tais cantos.*

Contudo somente para aqueles que têm a ver com a canção aquela vida será tolerável, e quão poucos de nós podem cantar!

Assim pela primeira vez desde sua criação o homem estará frente a frente com seu real e permanente problema - como usar sua libertação dos cuidados econômicos prementes, como ocupar o lazer, que a ciência e os juros compostos terão ganho para ele, para viver sabiamente, agradavelmente e bem.

Os aguerridos fazedores de dinheiro podem levar-nos todos nós junto a eles no colo da abundância econômica. Mas serão aquelas pessoas - que podem manter viva e cultivar em uma perfeição mais completa a arte da vida em si e não vender-se para os meios de vida - que poderão desfrutar a abundância quando ela vier.

Contudo não há nenhum país e nenhuma gente, eu penso, que pode esperar a idade do lazer e da abundância sem sentir medo. Pois nós fomos treinados por muito tempo para despendar esforço, não para desfrutar. É um problema amedrontador para a pessoa comum, sem talentos especiais, ocupar-se, especialmente se ele já não tem raízes na terra ou nos costumes ou nas amadas convenções de uma sociedade tradicional. A julgar pelo comportamento e pelas realizações das classes ricas de hoje em qualquer dos quatro cantos do mundo, a perspectiva é mesmo deprimente! Pois elas são, por assim dizer, nossa vanguarda - aquelas que estão espiando a terra prometida para o resto de nós e lançando seu acampamento lá. Pois elas têm, na sua maioria, fracassado desastrosamente, ao que me parece - aquelas que têm renda independente, mas não associações, deveres ou desafios - para resolver o problema que tem sido posto para elas.

Eu sinto seguramente que com um pouco mais de experiência nós usaremos a recém-encontrada generosidade da natureza muito diferentemente do modo como os ricos a usam hoje em dia, e traçaremos para nós um plano de vida muito diferente do deles.

Pois as muitas eras que nos vêm desde o velho Adão serão tão fortes em nós que todo mundo precisará fazer algum trabalho se quiser ficar contente. Nós faremos mais coisas por nós mesmos do que é habitual como os ricos de hoje em dia, apenas muito contentes de ter pequenos deveres, tarefas e rotinas. Mas, além disso, nós devemos nos esforçar por esparramar o pão magro na manteiga - para fazer com que o trabalho ainda a ser feito seja tão largamente compartilhado quanto possível. Turnos de três horas ou uma semana de quinze horas podem resolver o problema por um longo tempo. Pois três horas por dia é tempo suficiente para satisfazer o velho Adão dentro da maioria de nós!

Há mudanças também em outras esferas que nós devemos esperar que venham. Quando a acumulação da riqueza não for mais de alta importância social, haverá grandes mudanças nos códigos de moral. Nós poderemos nos libertar de muitos dos princípios pseudo-morais que nos impingiram durante duzentos anos, pelos quais nós temos exaltado algumas das mais desagradáveis qualidades humanas na posição das mais altas virtudes. Nós poderemos nos dispor a ousar avaliar o motivo-dinheiro em seu verdadeiro valor. O amor ao dinheiro como uma posse - como distinto do amor ao dinheiro como meio para os prazeres e as realidades da vida - será reconhecido pelo que ele é, algo como uma

morbidez asquerosa, uma dessas tendências semicriminosas e semipatológicas com as quais lidam com um tremor os especialistas em doenças mentais. Todos os tipos de costumes sociais e práticas econômicas, afetando a distribuição de riquezas, de recompensas econômicas e de penalidades que nós mantemos agora a todo custo - por desagradáveis e injustos que eles possam ser em si, já que são tremendamente úteis em promover a acumulação de capital - nós estaremos livres então, afinal, para descartar.

É claro que ainda haverá muitas pessoas com propósito intenso e insaciável que procurarão cegamente a riqueza - a não ser que possam encontrar algum substituto plausível. Mas o resto de nós já não estará sob qualquer obrigação de aplaudi-las e encorajá-las. Pois nós indagaremos com mais curiosidade do que é feito hoje sobre o verdadeiro caráter deste "propósito" com que em vários graus a Natureza dotou a maioria de nós. Pois o propósito significa que nós nos preocupamos mais com os resultados futuros de nossas ações que com sua própria qualidade ou seus efeitos imediatos sobre nosso próprio ambiente. O homem de "propósito" está sempre tentando garantir uma espúria e ilusória imortalidade para seus atos empurrando seu interesse através do tempo. Ele não ama sua gata, mas os gatinhos de sua gata; nem, na verdade, os filhotes, mas os filhotes dos filhotes, e assim por diante, sempre e para sempre até o fim da "felinidade". Para ele aperto não é nenhum aperto a menos que seja um caso de aperto para amanhã e nunca aperto para hoje. Assim sempre empurrando para o futuro seu aperto, ele se esforça para garantir sua ação de ferver na imortalidade.

Deixe-me lembrá-lo, leitor, do Professor, em "Sylvie and Bruno":

"É só o alfaiate, senhor, com sua pequena conta", disse uma voz mansa fora da porta.

"Ah, bem, eu posso acertar logo seu negócio", disse o Professor às crianças, "se o senhor esperar só um minuto. Quanto é, este ano, meu senhor?" O alfaiate tinha entrado enquanto ele estava falando.

"Bem, é um duplicar por tantos anos, o senhor vê", o alfaiate respondeu, um pouco bruscamente, "e eu acho que eu gostaria de ter o dinheiro agora. São duas mil libras, sim!"

"Oh, isto não é nada!", o Professor observou negligentemente, mexendo nos bolsos, como se ele sempre levasse pelo menos essa quantia consigo. "Mas o senhor não gostaria de esperar só mais um outro ano e fazer isto virar quatro mil? Só pense em quão rico o senhor seria! Por que o senhor poderia ser um rei, se quisesse!"

"Eu não sei como eu me cuidaria de ser um rei", o homem disse, pensativo. "Mas isto soa como uma visão poderosa do dinheiro! Bem, acho que eu esperarei".

"Claro que o senhor esperará!", disse o Professor. "Há bom senso no senhor, eu vejo. Bom-dia, meu senhor!"

"Terá de pagar-lhe essas quatro mil libras?", Sylvie perguntou enquanto a porta se fechava ante a partida do credor.

"Nunca, minha criança!", o Professor respondeu enfaticamente. "Ele irá duplicar isto até que ele morra. Vês, sempre vale a pena esperar um outro ano para conseguir duas vezes mais dinheiro!"

Talvez não seja um acidente o fato de que o povo que fez mais para trazer a promessa da imortalidade no coração e a essência de nossas religiões tenha também feito mais pelo princípio dos juros compostos e particularmente ama esta que é a mais "propositada" das instituições humanas.

Eu nos vejo livres, então, para voltar a alguns dos mais seguros e certos princípios da religião e da virtude tradicional - a de que a avareza é um vício, que a exação da usura é um mau comportamento, e o amor ao dinheiro é detestável, que caminham mais verdadeiramente nas sendas da virtude e da sã sabedoria aqueles que têm menos pensamentos para

Keynes sobre Possibilidades 7

o amanhã. Nós valorizaremos mais os fins que os meios e preferiremos o bom ao útil. Nós honraremos aqueles que podem nos ensinar como apanhar a hora e o dia virtuosamente e bem, as pessoas encantadoras que são capazes de ter prazer direto nas coisas, os lírios do campo que não trabalham, nem tecem.

Mas tome cuidado! O tempo para tudo isso ainda não chegou. Pois pelo menos por outros cem anos nós teremos de convencer a nós mesmos e a cada um de que o justo é mau e o mau é justo; pois o mau é útil e o justo não é. Avareza, usura e precaução ainda devem ser nossos deuses por algum tempo ainda. Pois só elas podem nos conduzir para fora do túnel das necessidades econômicas à luz do dia.

Assim, eu olho adiante para dias não muito remotos, para a maior mudança que já ocorreu no ambiente material da vida para os seres humanos no agregado. Mas, é claro, tudo acontecerá gradualmente, não como uma catástrofe. De fato, isso já começou. O curso dos negócios simplesmente será o de que haverá sempre classes cada vez maiores e grupos de pessoas para quem os problemas de necessidade econômica foram praticamente eliminados. A diferença crítica será percebida quando esta condição tiver se tornado tão geral que a natureza do dever da pessoa para com seu vizinho estiver mudada. Pois permanecerá razoável que seja economicamente "propositado" para outros depois que deixasse de ser razoável para si mesmo.

O passo no qual nós podemos alcançar nosso destino de felicidade econômica será governado por quatro coisas - nosso poder de controlar a população, nossa determinação de evitar guerras e dissensões civis, nossa vontade de confiar à ciência a direção daquelas questões que são com propriedade o objeto da ciência, e a taxa de acumulação enquanto fixada pela margem entre nossa produção e nosso consumo; destas, a última facilmente se seguirá, dadas as três primeiras. Enquanto isso, não haverá nenhum dano em fazer preparações moderadas para nosso destino, em encorajar, e experimentar, as artes da vida, assim como as atividades de propósito.

Mas, principalmente, não nos permitamos superestimar a importância do problema econômico, ou sacrificar a suas supostas necessidades outras questões de maior e mais permanente significado. Deve ser uma questão para especialistas - como a odontologia o é. Se os economistas puderem ser enxergados como pessoas humildes e competentes, no mesmo nível dos dentistas, isto será esplêndido!

* Extraído de John Maynard Keynes, *Ensaio sobre Persuasão*, Nova Iorque: W.W.Norton & Cia., 1963, pp. 358-373.

Tradução: Cacildo Marques-Souza